

Textos

Rogério Moraes Sikora

Coleção de artigos do Autor, colhidos de forma livre nos meios eletrônicos e redes sociais, jornais, revistas e livros diversos.

Todos estes trabalhos foram colhidos de forma eletrônica, já publicados e disponíveis livremente.

Esta coleção não é um livro, apenas um apanhado para registrar os trabalhos de sua autoria e/ou de sua preferência, publicados por ele, sobre temas diversos.

A critério do Autor poderá ser transformado em livro.

O ProjetoPF pode ajudar nesta tarefa. Contate-nos.

Data : 31/12/2008

Título : A falta que ela me faz

Categoria: Contos

Descrição: Ansioso por aventura, que não as tenho, sentei-me à janela,

A falta que ela me faz

Ansioso por aventura, que não as tenho, sentei-me à janela, enquanto pressentia no tempo a realização de um estranho acontecimento. Ante o Jardim em flor, cujos caprichos comecei a decifrar, olhei à janela e pousei para um instante de sonho, imaginando para minha vida vazia, um romance como os dos livros prediletos. O perfume das flores envolveu-me de recordações romântica que, ao final, afugentei, perturbado.

A solidão é como chuva: goteja na hora dúbia. Quando os solitários anseiam longamente pela aurora, é quando a solidão, como os rios vai passando. Mas o amor é mesmo assim. O amor é mesmo apenas solidão, as obras de arte são de uma solidão infinita, e nós essencialmente sós. Sou assim: humano e só. Humanamente só. Tenho estes olhos humanos – e sempre iguais – que outrora alguém soube querer-lhes. Alguém que hoje nada quer mais.

Ao cair da noite soprou um vento forte, como se procurasse chegar a uma outra terra, arrastando nuvens, nuvens em grande número, que passavam e deixavam outra vez limpo o firmamento, como uma praça após o desfile das tropas. Ao longe, nas jardineiras, as flores, que nada tinham a dar, apenas brilhavam como

círios subitamente acesos. Trovejava a noite inteira e o ruído só acaba quando começa a chuva, a chuva grossa que principia logo a fazer barulho também.

Não posso dormir com a janela aberta. Os carros rodam estrepitosamente através do meu quarto. Os automóveis passam por cima de meu corpo. A água das chuvas chora nas goteiras, e as folhas mortas vão no vento. Range uma porta, distante cai um objeto de vidro e se espatifa. Ouço a risada dos grandes cacos e o tilintar das estilhas. Alguém sobe uma escada; ladra uma cão à distância.

Depois, de repente, adormeço.

da revista Água da Fonte n° 06

Data : 07/08/2007

Título : A revolta dos motoqueiros

Categoria: Artigos

Descrição: O mês de fevereiro de 1979 foi eivado pela violência policial, desencadeando fatos que terminaram marcando, de forma indelével, a memória de todos.

Rogério Moraes Sikora (*)

O mês de fevereiro de 1979 foi eivado pela violência policial, desencadeando fatos que terminaram marcando, de forma indelével, a memória de todos. Clodoaldo Teixeira era um jovem como outros tantos de sua geração; trabalhava, tinha sonhos e expectativas.

Em 5 de fevereiro, saiu de seu local de trabalho (Equipagro) para fazer seu alistamento na Junta Militar, já que iria prestar serviço militar no ano seguinte; passava pela Rua Independência, porquanto o curso de pré-vestibular Gama, que tinha sede na frente da Praça Marechal Floriano, era um ponto onde se reuniam os jovens motoqueiros passo-fundenses, quando um policial militar fez soar dois silvos breves, determinando que Clodoaldo parasse sua motocicleta. Assustado diante da patrulha policial e temendo represálias, resolveu não parar, porquanto além da motocicleta não ser sua, não possuía habilitação.

Clodoaldo não imaginava que aquela fuga, ingênua, seria fatal. Para fugir da abordagem, conduziu a motocicleta, dobrando à direita, ingressando na Rua General Neto. Foi o que bastou para despertar a fúria e a ira dos policiais, os quais iniciaram uma perseguição pelas ruas da cidade, conduzindo o veículo militar, popularmente conhecido como “pata-choca”.

Amedrontado, Clodoaldo resolveu buscar abrigo junto ao seio de sua família, local onde certamente se sentia seguro e protegido, passando a se dirigir para a casa de seus pais, na Rua Antônio Araújo, esquina com a Rua Lava-pés, na Vila Annes. Buscando chegar à casa dos pais, dobrou à esquerda, na Rua Lava-pés, sempre com os policiais em sua perseguição. Acuado, viu Sérgio Danilo Barufaldi, e foi reduzindo a velocidade da motocicleta, aproximando-se da calçada, como que pedindo socorro ao amigo. Nesse momento, Sérgio ouviu um disparo de arma de fogo. Pôde perceber que o tiro fora disparado pelos policiais militares. Ouviu um segundo tiro, momento em que se jogou, de costas, na parede de uma casa, procurando se proteger, oportunidade em que visualizou um dos policiais militares, apoiar o braço na janela da viatura e fazer mira, antes de desferir o terceiro tiro, pelas costas. O tiro foi fatal. O tiro que ceifou a vida do jovem Clodoaldo, a menos de 50 metros da casa de seus pais.

A morte de Clodoaldo e as condições de sua morte correram a cidade como um rastilho de pólvora, já que era muito bem relacionado. Às 21 horas, o trânsito, na área central, estava tumultuado, em especial à frente da Catedral. Jovens conduzindo motocicletas e fitas pretas circulavam pelo local gritando palavras de ordem, em protesto.

A terça-feira, dia 6, já amanhecia tensa; a família desesperada, os amigos inconformados, a comunidade revoltada. A notícia veiculada nos jornais e nas emissoras de rádio davam conta do acontecido, despertando a curiosidade e a revolta de todos.

Logo após o enterro de Clodoaldo, no Cemitério da Petrópolis, houve uma carreata com centenas de motoqueiros, dirigindo-se ao centro da cidade, protestando contra a morte injusta do rapaz.

A Brigada, procurando evitar os protestos, fechou os acessos ao centro da cidade, impedindo ingressar numa área, definida por um quadrado, entre a Avenida Brasil e a Rua Independência; e entre a Rua Coronel Chicuta e a Rua Morom. Entretanto, não era apenas motoqueiros que estavam revoltados com a morte de Clodoaldo, mas toda a comunidade.

Jovens, portando cartazes e faixas pretas, gritavam palavras de ordens e desafios aos policiais militares que se encontravam no local. Uns vaiavam os policiais, enquanto outros circulavam com as motocicletas, nervosamente, pela pista de rolamento, sobre as calçadas e, até por dentro da Praça Marechal Floriano. Os populares acompanhavam os motoqueiros e faziam coro nas palavras de ordem.

Uma viatura policial chegou ao cruzamento da Rua Independência com a General Neto, aproximadamente seis policia descem e começam a tentar controlar a situação, mas são apedrejados por populares. Acuados, correm a pé, alcançando a viatura e batendo em retirada. Outros policiais, na Morom, próximo à Coronel Chicuta, também são apedrejados, momento em que um deles dispara um tiro para cima. Populares, advertem os policiais que a situação está fora de controle e que deveriam deixar o local para evitar o pior.

Ouviram o conselho dos populares e se dirigiram, a pé, ao Comando do CPA3, perseguidos por populares. Muitos outros populares, despertados pelo disparo da arma de fogo, seguiram ao encalço desses brigadianos.

Os policiais militares, enfim, alcançam abrigo no prédio do CPA3, na Avenida Brasil, onde hoje funciona a Livraria da UPF, porém uma verdadeira multidão cerca o prédio e começa a gritar palavras de ordem. Nesse momento, ouve-se uma saraivada de tiros.

Do outro lado da rua, na calçada fronteira ao Museu de Artes Ruth Schneider, o jovem operário Adão Faustino, de apenas 19 anos, que sequer fazia parte dos protestos, deu um grito e tombou. Pessoas que estavam ao redor perceberam que o jovem sangrava no pescoço e providenciaram socorro. Não iria adiantar. Adão Faustino era a segunda vítima fatal.

Na frente do CPA3 os protestos continuavam e mais duas pessoas foram feridas. Uma delas era Joceli Machado, que foi socorrido e levado, às pressas, ao hospital. Com a situação totalmente fora de controle, o major Isauro Piaguaçu Pires Corrêa, comandante do Esquadrão do Exército, colocou todo o efetivo nas ruas para conter a fúria popular. A ação do Exército permaneceu por toda a madrugada.

A quarta-feira, dia 7, amanheceu tensa, mas já sem conflitos entre populares, motoqueiros e policiais militares. A imprensa de todo o Estado e do país registram os fatos.

Autoridades públicas municipais se manifestam na imprensa lamentando os fatos e pedindo serenidade a todos. O secretário de Estado da Justiça e Segurança visita Passo Fundo, e determina a troca de comando do 3º RPMon. Infelizmente, no dia 22 de fevereiro, há a terceira vítima fatal. Joceli Machado também morre. O ano de 1979 ficou tristemente lembrado pela “revolta dos motoqueiros”.

Data : 07/08/2007

Título : Brizola – A visita triunfal a Passo Fundo

Categoria: Artigos

Descrição: Leonel de Moura Brizola sempre teve grande identificação com Passo Fundo, onde mantinha grande contingente de simpatizantes, correligionários e eleitores.

Rogério Moraes Sikora (*)

Leonel de Moura Brizola sempre teve grande identificação com Passo Fundo, onde mantinha grande contingente de simpatizantes, correligionários e eleitores. Essa idolatria por Brizola certamente é reforçada por ter nascido no povoado de Cruzinha, que pertenceu a Passo Fundo até 1931, quando passou à jurisdição de Carazinho.

Com a anistia brasileira em 1979, Brizola retornou ao Brasil. No ano de 1989, candidatou-se à presidência da República, nas primeiras eleições diretas, após o golpe militar de 1964. Nessa época, havia grande agitação nos meios políticos, após tantos anos sem os eleitores poderem escolher o maior mandatário do país. Em pouco tempo, as campanhas dos mais diversos candidatos tomaram as ruas de todo o Brasil empolgando até mesmo os eleitores mais desesperançados com a política.

Brizola passa a percorrer todo o Brasil, levando sua campanha, a qual rapidamente se torna uma das favoritas dos eleitores. Com a proximidade da data das eleições, em 15 de novembro, havia grande expectativa quanto à possibilidade de Brizola visitar Passo Fundo, terra de onde saiu há décadas, para talvez se tornar o presidente da República.

No dia 20 de outubro de 1989, reúnem-se com a direção estadual do PDT o deputado estadual Éden Pedroso, o ex-prefeito de Porto Alegre, Sereno Chaise e Matheus Schmitt especialmente para tratar da vinda de Brizola a Passo Fundo. Nos dias que a antecederam, a visita de Brizola era o tema preferido dos eleitores e políticos nos cafés, partidos políticos, rodas de amigos e no meio universitário.

Finalmente, no dia 1º de novembro de 1989, a cidade já acordava na mais ansiosa expectativa, aguardando o comício que Brizola faria naquela noite. Dezenas de militantes já se mobilizavam, desde às 17 horas junto ao Altar da Pátria, em frente à Academia Passo-Fundense de Letras. As horas pareciam passar lentamente, para todos aqueles que depositavam suas esperanças no experiente político e para todos aqueles que o acompanhavam, desde os tempos do velho PTB.

Sua chegada estava prevista para 19 horas e 30 minutos. Nessa hora, as ruas da cidade estavam tomadas por populares, especialmente, no Altar da Pátria e junto ao Parque da Gare, onde uma imensa multidão cantava hinos da campanha. Dezenas de ônibus e caminhões se dirigiam ao Parque da Gare trazendo eleitores e simpatizantes. Pontualmente, às 21 horas, a chegada de Brizola é anunciada por estrondosa e demorada queima de fogos, cujo foguetório se estendeu por vários minutos e deixou grande nuvem de fumaça no centro da cidade.

A partir do Boqueirão, em cima de um pequeno caminhão, acompanhado por Airton Dipp, Éden Pedroso, Augusto Trein e vereadores, Brizola inicia a carreata, aberta por centenas de motoqueiros, que o conduziria até o centro da cidade. O percurso entre o Boqueirão e o Altar da Pátria, o qual poderia ser feito, facilmente, em poucos minutos, exigiu mais de sessenta minutos trafegando.

Ao longo do percurso, todas as calçadas, em ambos os lados, estavam tomadas por eleitores que acenavam, agitavam bandeiras e mostravam cartazes da campanha, tornando a pista de rolamento em estreito corredor humano, o qual obrigava o caminhão que conduzia Brizola a manter baixíssima velocidade. Muito sorridente, Brizola parecia tranquilo, acenava e dava atenção a todos, demonstrando não estar com pressa e nem estar incomodado com a lentidão da carreata.

Finalmente, às 22 horas, Brizola chega ao Altar da Pátria. O anúncio de sua chegada fez o povo delirar. Todos queriam tocá-lo, vê-lo de perto, trocar algumas

palavras, se possível. Em seu discurso, o qual durou uma hora, Brizola disse que se sentia satisfeito e emocionado de estar novamente em Passo Fundo. Ao longo do discurso Brizola foi ovacionado muitas e demoradas vezes, terminando por dizer; “Estou do lado do povo”, sendo aplaudido, ininterruptamente por muitos minutos, e aos gritos de “Brizola! Brizola!”.

Na luta política brasileira, Brizola destacou-se como o principal adversário do governo militar em declínio, com tão grande apoio popular, o que o levou a promover a maior carreato e o maior comício que a cidade já viu.

Data : 31/05/2011

Título : Girassol

Categoria: Poesia

Descrição: Reflete em mim seu doce olhar. Na memória ficou sua face branca:

Girassol

Reflete em mim seu doce olhar.

Na memória ficou sua face branca:

Lábios como pérolas reluzentes.

Cheios de um rosa inebriante.

Na excruciante solidão.

Sofro cada dia, sem você saber.

Com a distância e a saudade

A ferir meu coração.

Sonhando sentir por um instante,

O doce gosto de um beijo virtual

De uma estrela que longe brilha,

Deixo-me assim nessa dor mortal.

As vezes penso em trazer

Seu brilho para mim.

Como um girassol
Buscando, em vão, o sol.

Da Revista
Água da Fonte
31/05/2011

Data : 30/04/2004

Título : Metodologia Aplicada

Categoria: Crônicas

Descrição: Não sei como pude dar uma dentada no bombom nele. Em que momento obscuro de minha vida eu teria deixado para trás esta sabedoria?

Metodologia Aplicada

ROGÉRIO MORAES SIKORA

Pai, como tu és buuuuuuuurro!

Devo ser mesmo, nascemos gênios e emburrecemos no decorrer da vida. Os bebês aprendem em dias uma quantidade de coisas que levaríamos anos para assimilar. Em menos de um ano eles já engatinham pela casa toda, enquanto eu, há alguns anos, tento migrar para uma certa interface 95, sem sucesso. Meu Winchester deve ser rígido demais.

Mas, o pior de tudo é o que esquecemos. Existe um jeito certo para fazer as coisas. Quando eu era pequeno sabia pular corda, andar de patins, fazia conta de dividir por três números (sem maquininha) e gol de bicicleta; sabia como subir em qualquer tipo de árvore e como ganhar aumento de mesada (uau!).

Ah, os bons tempos dos jogos de botão, das peladas nos campinhos da redondeza, do timinho de futebol. Havia os álbuns de figurinhas, as quais, quando repetidas, eram disputadas no tapa com os amigos. Naquele tempo eu sabia fazer muitas coisas que agora não sei mais.

Hoje peso mais de setenta quilos e reclamo do preço da musculação para perder a barriga. E penso em como aquele conhecimento adquirido a duras penas poderia me ajudar. Saber os afluentes da margem direita do rio Amazonas não paga minhas contas e se meus filhos vierem me perguntar a respeito, eu juro que desconverso.

Mas outro dia foi demais. Minha filha me viu dando uma dentada num bombom Sonho de Valsa e quase teve um ataque. Como todos sabem (ou souberam um dia), no bombom Sonho de Valsa se come primeiro o chocolate, lambendo ou raspando com os dentes, até que apareça a casquinha. Esta, por sua vez, deve ser partida com os dentes da frente em, no máximo, dois pedaços, os quais devem ser mastigados fazendo bastante ruído. Por fim, o recheio vai todo para a boca, onde fica rolando por cima e por baixo da língua até desmanchar. É muito mais gostoso assim.

Não sei como pude dar uma dentada no bombom nele. Em que momento obscuro de minha vida eu teria deixado para trás esta sabedoria?

da revista

Água da Fonte nº 1

Data : 31/12/2008

Título : Noites insones

Categoria: Contos

Descrição: Há alguns dias andava perdido em seus sonhos,

Noites insones

Há alguns dias andava perdido em seus sonhos, como se seus sonhos fossem tudo o que possuísse. Olha pela janela, do alto de seu apartamento. Já é madrugada. Não vê nada, tudo é morto e vago. Não consegue dormir. Sua alma, inquieta, o deixa desperto e agitado. Seus dedos percorrem, lentamente, a extensa fileira de CDs, os quais estão acomodados, com zelo, na estante, grande e sóbria, a qual garante uma das paredes da pequena sala de estar. Os discos estão separados por gênero e, dentro de cada gênero, dispostos em ordem alfabética, deixando mostrar o meticuloso hábito de ordenar as coisas. Escolhe um desses discos, o qual retira cuidadosamente da caixa e coloca no aparelho de som, que se destaca na estante, apesar de sua cor, também sóbria. Olha o display: “0:01”. Finalmente a música começara a tocar.

Gostava de ouvir músicas, enquanto perambulava, em passos intermináveis, quando não conseguia dormir. Serviu um pouco de vinho. Era acostumado a buscar companhia em um tinto de boa safra. Era um homem de hábitos morigerados e vida modesta, mas costumava beber um Châte-Neuf Du Pape, de vez em quando. Sorveu, vagorosamente, um gole do vinho. Ah, abençoado aquele Papa! Ele sim era um Santo Padre como diz a Lumen Gentium. Ah, o

Papa Bonifácio, que todos os domingos ia às vinhas, que ele mesmo plantara e, quando estava lá em cima, com os cardeais à sua volta, junto às cepas, mandava, então, desarmar uma garrafa de vinho de sua lavra, esse belo vinho cor de rubi, que se chamou depois de Châte-Neuf Du Pape. Não foi à toa que um mar de lágrimas se chorara em Avignon quando ele morreu! Claro, só podia ser por isso que Daudet dizia que o Papa Bonifácio era um príncipe tão amável, tão agradável. Ele tinha toda razão!

Encosta-se à janela, a chuva fina e retilínea deixa mais sombria as fachadas sujas dos prédios na rua estreita que observa, enquanto o vento assovia forte na noite negra e tediosa.

Não há ninguém nas ruas. Nem o gato, o qual todas as noites sobe ao telhado da grande casa verde da esquina, se atreveu a enfrentar a noite fria, talvez estivesse em casa, cansado da rotineira busca por amores, os quais, vez ou outra, lhe rendiam alguma sapatada, jogada de alguma janela vizinha.

Dentre as janelas vizinhas, certamente, uma das mais conhecidas era a da Dona Nilce, uma viúva ou solteirona, ninguém sabia ao certo, mas o que era sabido por todos, era que se tratava de uma velha amarga e sem amigos. A única vizinha que travava algum relacionamento com ela, era a vizinha do 207, conhecida como Dona Pombinha, uma senhora, igualmente velha, porém, com uma aparência de bruxa, cujos cabelos brancos, lisos e sempre desalinhados, eram motivos de temor de toda a criançada do prédio.

Dona Nilce, que também era a temida síndica, tinha o hábito de dormir muito cedo, no máximo depois do noticiário da televisão, o qual só assistia em razão de uma paixão não confessada pelo âncora do programa. Dizem que muitas vezes seus suspiros podiam ser ouvidos de longe, acompanhados da frase “ah, se eu fosse uns vinte anos mais jovem!”

No horário desse programa, não saía da frente da televisão de jeito algum e ai de quem se atrevesse interrompê-la. Mas, nesse horário, coincidentemente, o gato do telhado da casa verde começava, costumeiramente, seu canto de amor. Eram gritos, miados e grunhidos em altos brados. Só podia ser ela quem jogava sapatos no pobre animal. Que mulher sem coração!

Outra janela conhecida, essa sim estava acostumado a espiar, era a do apartamento de uma mulher jovem e muito bonita. Embora soubesse o nome da síndica e da bruxa do 207, estranhamente ainda não havia descoberto o nome dessa vizinha que lhe aguçava os sentidos. Sempre que podia ficava observando aquela janela e, em pouco tempo, já conhecia alguns hábitos dessa vizinha. A janela que conseguia observar era justamente a de seu quarto. Mas, mesmo assim, ao contrário do que esperava, ela estava sempre vestida. Muitas vezes assistindo algum programa na televisão, muitas outras estudando ou lidando no computador, já que era estudante. Sabia que ela fazia mestrado em alguma coisa, porque cruzara algumas vezes com ela no corredor e pode observar uma pasta que levava nos braços.

Numa noite, chegara cansado, em um horário bem mais tarde do que normalmente chegava. Foi até a sacada, olhou o céu para ver se estava limpo, olhou à esquerda, distraidamente, e quando olhou à direita, em direção à janela da vizinha, a viu entrando no quarto. Voltava do banho. Vestia apenas uma minúscula calcinha branca, sem sutiã. Pode observar suas coxas claras e bem

feitas. Sua cintura era esguia. Seus seios médios e firmes eram também claros, onde se destacavam róseos mamilos, os quais ficaram quase cobertos pelos cabelos loiros, quando soltou a toalha. A persiana, na verdade, estava entreaberta, ele surpreendeu-se com o que vira. Certamente, se estivesse à espreita, aguardando por aquela cena, jamais a veria. Mas, foi sem querer, por distração, principalmente dela. Que sorte! Pena que ela logo percebeu que estava sendo observada e, discretamente, fechou a persiana. Depois daquela noite, ficara muitas outras na mesma sacada, no mesmo horário, esperando a cena se repetir. Cena que jamais se repetiu.

Nem mesmo essa janela estava aberta. Tudo era silêncio e sombras. Quem dera pudesse, nessa noite fria, ainda que apenas observar aquela vizinha. Mas, nem isso podia.

O tédio lhe oprimia os sentimentos. O vento forte leva consigo folhas mortas. Quisera ser uma delas, para poder viajar para lugares distantes, sem rumo, sendo levado pela força dos ventos, parando em um lugar qualquer. Aquelas folhas, mortas, eram verdadeiramente livres.

Muitas vezes, pensava assim. Imaginava a hora em que a morte iria levar-lhe.

Os sonhos que tinha, quantos já não sonha mais.

Há tempos não sonha. São horas vagas, noites insones.

da revista Água da Fonte nº 06

Data : 30/11/2004

Título : O juiz probo

Categoria: Artigos

Descrição: A verdade! O que é a verdade? Com isso na cabeça, martelando desde que recebera o telefonema do seu advogado, no dia anterior...

O juiz probo

ROGÉRIO SIKORA

A verdade! O que é a verdade? Com isso na cabeça, martelando desde que recebera o telefonema do seu advogado, no dia anterior, avisando que o juiz,

nos próximos dias, iria prolatar a sentença, Tibúrcio seguia a cavalo, em pleno campo, em direção a um capão, que ficava do outro lado do pequeno córrego.

Com o pensamento longe, lembrou-se de como tudo fora perfeitamente planejado. A comunicação, em um churrasco, para todos, de que havia comprado, depois de oito anos de longa espera e muitas tentativas, a antiga propriedade do finado coronel Fulgêncio. Tinha um casamento longo e feliz. Só faltavam mesmo aquelas terras, porquanto até um filho tinham conseguido: Leopoldo Fabrício estava ali, forte nos seus dezoito anos, o qual certamente um dia irá herdá-las.

Mas, então, por que agora? Depois de tanto tempo, por quê?

O trote calmo do cavalo, o tempo passando...O tempo! Ah, o tempo em que esperava ansiosamente a resposta afirmativa do coronel Fulgêncio! Tantos planos, tudo perfeitamente encaixado, graças a Deus. Até o nome, que a princípio relutara tanto: "Estância 26 de Julho". Um nome que lhe parecera um tanto severo, mas era uma homenagem ao velho e falecido pai. Os olhos e os cabelos negros, a pele bronzeada, herdara do pai. Herança genética que repassara ao filho, o qual era calado, mas de gênio afável e cordato, igual ao avô.

A exploração da pecuária também era ótima. Com o passar dos anos, multiplicou as cabeças de gado, bovino e ovino, que sempre lhe renderam a fama de grande criador, além da guaiaca cheia. Tudo perfeito até o momento! Então, por que isso agora? O que teria feito de tão grave para que o processassem na Justiça? Contratou um advogado da capital, Dr. Onofre Geraldo Borges e Albuquerque. O escritório era um dos melhores, recomendado pelo coronel Filomeno. Por que o tom apreensivo, disfarçado na voz do bacharel? O que ele sabia, que lhe dava o direito de preocupar-se com a sentença, a qual seria prolatada?

Não era possível! Ninguém jamais saberia de nada se ele não o dissesse. Mas dizer o quê? O que estava pensando? O jeito era chegar logo ao seu advogado e esclarecer tudo.

Desde ontem estava observando a sua propriedade, especialmente a cerca, a qual fazia limites com a propriedade do coronel Gaudêncio. Estava no lugar, como sempre, era isso o que importava. Ainda martelava em seu cérebro: "Problema com demarcação de terras!" O que o vizinho queria insinuar com isso? A cerca de sua propriedade era diferente em quê? Não estava no lugar como todas as outras? E por que poderia perder parte das terras? Isso nunca! Preferia morrer. Primeiro iria saber o que estava havendo. E, se pudesse resolver sozinho, assim o faria, como sempre fez.

Mas por que sofrer por antecipação? Iria à capital. Lá chegando, saberia do que se tratava, por que a preocupação do advogado. Resolveria tudo e pronto.

Tenso, confuso e amargurado, ainda naquele mesmo dia partiu em viagem, para resolver o problema que tanto o angustiava. Se o problema fosse dinheiro, a solução seria fácil. Pagaria determinada quantia! Mas, isso também seria errado. Apenas falaria com o vizinho. Mas, por que o vizinho insistia nessa bobagem da cerca? Que outro motivo teria? Ninguém sabia de nada? O certo é que a "Estância 26 de Julho" era sua e um dia seria de seu filho. Essa era a verdade.

Lá estava ele divagando de novo. A mesma sensação de angústia que sentira anos atrás, por ocasião da colocação das cercas na propriedade. Mas isso era passado. O presente é que vale, e o presente era a sua verdade. A estância era a sua verdade.

Pela primeira vez, não admirou o casarão onde estava instalado o escritório de seu advogado. Gostava de ver aquela construção antiga, a qual, por algum motivo, lhe trazia tão boas lembranças. Pela primeira vez foi com uma sensação de medo que entrou no velho prédio.

Subiu lentamente, passo a passo, cada degrau da escada de madeira, amparado pelo bonito corrimão, todo trabalhado em bronze. Pôde observar o esmero na limpeza e no cuidado do local. Olhou o teto alto e o lustre imponente. Deteve-se alguns instantes diante do enorme quadro, pintado a óleo, o qual fora colocado ao fim da escada. Percebeu a riqueza de detalhes talhados na madeira da moldura escura e envelhecida, a qual lhe emprestava uma aparência nobre.

Veio-lhe à mente o dia em que cercara a sua propriedade. Por que diabos não lembrou as lições de seu pai, o qual sempre enfatizava que, em se tratando de terras, todo cuidado é pouco. Seu pai, já velho, sempre advertia que, antes de se cercar alguma área, era necessário tomar-se toda a cautela, averiguando os papéis, analisando a área determinada nas escrituras e, se possível, ter uma conversa com os lindeiros.

Lembrou que, à época, o conselho do pai pareceu-lhe um certo exagero. Preferiu, na falta de qualquer cerca no local, basear-se apenas em alguns marcos antigos.

Seus passos pareciam pesados, arrastando-se lentamente em direção à sala do seu advogado, o qual já lhe aguardava, sério e com aparência preocupada, na porta do escritório.

Após dirigir alguns elogios à estância, Dr. Onofre passou a narrar a situação em que se encontrava o processo movido pelo coronel Gaudêncio. Frisou que, face às circunstâncias do processo e às provas produzidas nos autos, a situação era terrível. Suas chances eram mínimas. Muito provavelmente a sentença seria contrária aos seus interesses. Era o fim! A sentença procedente iria acarretar a perda de grande área de terras. As mesmas terras que ele levou anos para adquirir e que um dia deixaria para seu filho.

Tomado de violenta preocupação diante da sólida possibilidade de perder a ação e, conseqüentemente, grande área de terras, lembrou ao advogado que resolveria sozinho o problema, como sempre fez. Daria um presente, um mimo ao juiz. Mandaria carrear uma rês e entregar ao magistrado, se necessário. Por certo, o juiz, um homem de gosto refinado e alma sensível, iriam compreender sua aflição e receber de bom grado a delicada deferência, retribuindo com uma sentença em seu favor.

Ao ouvir a que se propunha o seu cliente, Dr. Onofre saltou, repentinamente, como se atingido por uma descarga elétrica. Assustado, disse que se tratava o juiz de um homem probo, cuja fama de conduta ilibada atravessava fronteiras. Sua indicação ao cargo de Desembargador era tida como certa, face à retidão com a qual exercia a nobre função judicial. Uma atitude impensada como essa e, aí sim, era o fim. O juiz sentir-se-ia muito ofendido, e não só não mudaria sua convicção, como iria abrir algum processo para apurar os fatos.

Diante da advertência de seu ilustre advogado, o homem saiu cabisbaixo e pensativo, com a sólida possibilidade de ver o patrimônio, o qual desejava deixar ao filho, ser duramente diminuído, face à seriedade do juiz. Nada mais restava senão aguardar em sua estância o resultado do processo, já que seu advogado prometera ligar-lhe, avisando-o, tão logo fosse intimado da dita (talvez maldita) sentença, a qual se anunciava dura.

As horas pareciam-lhe não passar. Ah O tempo! O tempo não passa. Em cada minuto somos esmagados pela idéia e sensação do tempo¹. Muitas vezes, naqueles dias, se viu acompanhando com os olhos o movimento lerdo do ponteiro dos segundos, no grande relógio Masson, que fora colocado no outro lado da sala. Desde que havia recebido a intimação, no começo do processo, pegara o hábito de sentar em uma grande poltrona de couro, ladeada por dois pequenos canapés, e, fixando seus olhos em um ponto qualquer, punha-se a pensar na sua estância. Certa vez, surpreendeu-se com a rapidez com que uma aranha tecia sua teia em um canto da sala, notando a diferença de uma noite para outra.

O trinado do telefone, no meio da manhã, deixou-o sobressaltado. Não costumava receber telefonemas naquela hora do dia. Seria, então, alguma notícia? Uma má notícia? Sim, só poderia ser seu advogado, buscando dar-lhe notícias da sentença. Quando a serviçal disse-lhe que era da capital, teve certeza, era ele, o advogado. Sentiu seu coração disparar. Bater forte. A taquicardia o impediu de levantar-se imediatamente. Respirou fundo, correu os olhos rapidamente pelo grande relógio. No canto, a aranha ainda tecia sem se incomodar com o que acontecia. Não adiantava mais postergar a notícia. Devia, enfim, ir ao telefone e ouvir o que seu advogado iria dizer.

Levantou-se, respirou fundo, novamente, e em passos largos e firmes dirigiu-se ao telefone. Imediatamente, pode ouvir a voz eufórica de seu advogado, emocionado, ao dizer que a sentença julgara a ação improcedente. Dr. Onofre não sabia dizer o que havia acontecido. O advogado acrescentou que sua surpresa era total, porque tudo indicava que iria perder o processo: todas as provas, todas as evidências, os depoimentos, a perícia. Enfim, tudo sinalizava para uma derrota iminente.

Após ouvir o relato do bacharel, Tibúrcio disse que sabia o que tinha acontecido. Falou ao Dr. Onofre que havia desobedecido aos conselhos que recebera naquela tarde, no escritório da capital. Acostumado a resolver tudo sozinho, enviara uma rês ao juiz, o qual iria julgar a causa.

Perplexo, o advogado disse não acreditar que o juiz, exemplo de moralidade e probidade, paradigma de retidão e honestidade a todos, no meio jurídico, se deixara corromper pelo presente que recebera, ao invés de sentir-se ofendido e ultrajado com ato tão repulsivo.

"Acontece que, sabedor da personalidade do juiz, de tão altos e nobres valores morais, resolvi mandar o presente, sim, mas não em meu nome. Mandei-o em nome do coronel Gaudêncio", lascou o experiente estancieiro.

Nota

¹ Baudelaire, (1821-1867), Meu Coração Desnudado.

(Rogério Sikora é advogado e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Da Revista

Água da Fonte nº 2

Data : 07/08/2007

Título : Rio Passo Fundo, o Nilo passo-fundense

Categoria: Artigos

Descrição: O local onde hoje existe a cidade de Passo Fundo era uma passagem de tropeiros. Conservando o batismo que lhe foi dado pelos índios colorados...

Rogério Moraes Sikora (*)

“Por isso, água querida, nós te devemos tanto

não haveria a vida sem este teu encanto

Tu vieste a nós como um presente, enviado pela mão divina

Que, para nos dar saúde e vida, te fez pura e cristalina” *

(Homenagem à água, de Clóvis Oliboni Alves)

O local onde hoje existe a cidade de Passo Fundo era uma passagem de tropeiros. Conservando o batismo que lhe foi dado pelos índios colorados, é chamado “Goyo-en”, palavra composta que na sua língua significa muita água, rio fundo e, portanto, por analogia, pode-se também traduzir por “passo fundo”.

Remonta o nome desta cidade aos velhos dias em que, para evitar a volta e demais inconvenientes da antiga estrada por Viamão e Santo Antônio da Patrulha, os tropeiros entraram pela campanha, ainda deserta, fazendo o trajeto da viagem do sul rio-grandense para São Paulo e vice-versa, passando por aqui. O Rio Passo Fundo foi sempre um marco referencial importante para a passagem dos tropeiros que abriram esse novo caminho para encurtar o trajeto até a feira de Sorocaba e de lá às Minas Gerais.

Ao vão que hoje chamamos “passo”, estendeu-se o nome ao rio respectivo e ao lugar da cidade, originada muito depois em pequeno núcleo de moradores formado junto à estrada, no centro da atual Av. Brasil, para não confundir-se com outro passo fundo situado pouco aquém do local em que posteriormente surgiu a Vila de Lagoa Vermelha, era chamado “Passo Fundo de Missões”, denominação com a qual aparece ainda em 1856 em documentos públicos. O rio que assim foi denominado “Passo Fundo” é o mesmo Uruguaimirim do tempo dos jesuítas.

Na localidade de Povinho Velho, na saída para o Município de Mato Castelhano, encontram-se as nascentes dos Rios Jacuí e Passo Fundo, local onde nascem esses importantes rios, cujas bacias hidrográficas são responsáveis pelo abastecimento de 70% (setenta por cento) da população de nosso Estado.

O Rio Passo Fundo foi testemunho de todos os momentos da nossa história. Viu chegar o índio; aproximar-se o bandeirante explorador; o interessado povoador; o trabalhador imigrante; viu passar o tropeiro; chegar o cargueiro; instalar-se o comerciante; mais tarde o industriário, o estudante e todos os demais que vieram somar esforços para construir esta gente alegre e esta terra hospitaleira.

Se o rio pudesse falar, diria tudo o que presenciou por aqui: o início do povoamento, a implantação do progresso e a busca do desenvolvimento e do bem-estar de todos os seus habitantes.

Apesar de sua grande importância na origem de nossa cidade, tal como o Rio Nilo, dando origem à civilização, nem todos o respeitam como merece. Há, em nossos dias, toda forma de agressão e poluição, as quais vão comprometendo seu futuro.

Por outro lado, há projetos que visam à recuperação e à preservação do Rio Passo Fundo, os quais propõem trabalhar com atividades de recuperação de seus ecossistemas e envolvimento de toda a comunidade passo-fundense. Esses projetos buscam reverter o alto nível de poluição provocado pelo lixo, entulho e esgoto, entre outros, com atividades que envolvem desde palestras para estudantes até plantio de recuperação das matas ciliares.

Essa tarefa de sensibilizar, informar e formar pessoas é da mais relevante importância para ajudar a salvar o Rio Passo Fundo, a qual figura entre os diversos desafios a serem vencidos para se conseguir uma gestão sustentável da água em nossa cidade.

Em outras palavras, hoje se trabalha para resolver muitas questões polêmicas da melhor maneira, para que as futuras gerações tenham um planeta mais equilibrado onde viver.

Data : 31/05/2011

Título : Uma leitura a partir de Enrique Dussel

Categoria: Artigos

Descrição: Historicamente, a América Latina enfrenta uma realidade de relações humanas injustas, marcada pela pobreza, opressão e exclusão.

Uma leitura a partir de Enrique Dussel

ROGÉRIO MORAES SIKORA

Historicamente, a América Latina enfrenta uma realidade de relações humanas injustas, marcada pela pobreza, opressão e exclusão. Diante dessa realidade, Enrique Dussel, defendendo a existência de uma filosofia latino-americana, proclama a opção pelos pobres, a partir do âmbito filosófico.

No fim dos anos 60, do século passado, a América Latina estava tomada por diversos regimes autoritários de governo, os quais estavam instalados nos mais diversos países. Dussel, retornando da Europa, vivia numa Argentina governada pela ditadura de Onganía, a qual recebia oposição cada vez mais forte e acentuada dos movimentos populares.

A cidade de Córdoba foi tomada por estudantes e operários, reproduzindo o movimento de maio de 1968, em Paris. Nessa época, Dussel ministrava um curso de Ética Ontológica, na Universidade Nacional de Cuyo (Mendoza, Argentina), quando, juntamente com outros filósofos, tomou conhecimento da obra de Emmanuel Lévinas: *Totalité et Infinité. Essai sur l'Extériorité*. A descoberta da obra de Lévinas transformou a ética ontológica de Dussel em "Para una ética de La liberación latinoamericana".

A obra de Lévinas influenciou a obra de Dussel, porque a experiência inicial da Filosofia da Libertação consiste em descobrir o "fato" opressivo da dominação, em que sujeitos se constituem "senhores" de outros sujeitos, no plano mundial, centro-periferia; no plano nacional (elite-massas, burguesia nacional-classe operária e povo); no plano erótico (homem-mulher); no plano pedagógico (cultura imperial, elitista-cultura popular e periférica)¹.

Essa experiência vivida pelos latino-americanos se encontra dentro da categoria "Autrui" - uma pessoa tratada como outro, como pobre.

A importância de Lévinas, então, foi a descoberta do "outro" - a anterioridade do outro, que questiona, constitui a possibilidade do "eu próprio", ou seja, é um círculo iniciado pelo outro. Porém, muito cedo Lévinas já não conseguia corresponder às expectativas de Dussel, porquanto, embora mostrasse de que maneira apresentar a questão da "irrupção do outro", não permitia construir uma política que, questionando a Totalidade vigente que dominava e excluía o outro, pudesse construir uma nova Totalidade, o que o levou a escrever o Tomo II de *Para una ética de la liberación latinoamericana*, focalizando esta temática, a da totalidade dentro de um mundo oprimido.

Mais tarde, Dussel entendeu ser melhor adentrar em níveis mais concretos, passando a abordar a erótica latino-americana; a pedagogia latino-americana; a

arqueologia latino-americana, começando, cada uma delas, por uma hermenêutica dos símbolos vigentes na história da cultura latino-americana.

Nessa época, em 1975, Dussel foi expulso da Universidade, sofreu um atentado a bomba em sua residência, promovido pelo virulento regime militar da Argentina. Tendo sido condenado à morte por esquadrões paramilitares, abandonou seu país, indo exilar-se no México, onde, em dois meses, escreveu a obra "Filosofía de la liberación". Esse é o quadro em que Dussel deu início à Filosofia latino-americana da libertação.

A Filosofia da Libertação.

Para entendermos a Filosofia da Libertação é importante a lição de Rubio², ao ensinar que Toda filosofía es expresión de su tiempo. No se trata de una comente o línea de pensamiento uniforme y unívoca, formada por autores con iguales o similares concepciones ontológicas, epistemológicas y/o deontológicas. Más bien, la FdL, está formada por multitud y variadas tendencias extendidas por casi todas las naciones que componen la mitad norte y la mitad sur del continente americano. Se trata de diferentes posturas, de un complejo marco conceptual, con heterogeneidad de comentes y líneas de pensamiento dispares.

Com efeito, essa pluralidade de tendências, essas diferentes posturas não lhe tiram a importância de buscai* a animação cultural latino-americana e lutar em defesa dos pobres, dos excluídos e dos oprimidos em geral.

Rubio afirma que é possível indicar alguns critérios, por meio dos quais podemos qualificar os aportes filosóficos de qualquer autor como Filosofia da Libertação: a primeira é vinculada ao pensamento iniciado por autores argentinos com o intento de movimento, cuja intenção principal é a de ser o discurso teórico-prático através do qual se manifesta a voz dos oprimidos, sendo assim um instrumento de denúncia e dependência em que se encontram alguns seres humanos em relação a outros e, sendo também, instrumento de transformação.³

Nos últimos anos, é possível entender-se Filosofia da Libertação, unicamente, como aquela atividade que coincide com a ótica oferecida pelo pensamento de Enrique Dussel, destaca Rubio, que é quem tem se dedicado com maior decisão, nos últimos trinta anos, a elaborar um sistema filosófico único e original.⁴

Desta maneira, na Filosofia da Libertação se concebe que a realidade dependente dos excluídos demanda uma filosofia totalmente vertida na defesa dos seres humanos que se encontram em situação extrema de marginalidade e pobreza. Assim, Dussel defende a elaboração de uma reflexão crítica sobre o presente político, social e econômico dos seres humanos oprimidos, fundamentada em uma ética transcendente, cuja experiência apriorística é ouvir a voz do outro.

Neste sentido, cabe buscar compreender o conceito de "Libertação", para que se possa entender a que se propõe a Filosofia da Libertação e o que significa "ouvir a voz do outro". O conceito de libertação, então, guarda diversos sentidos, sendo que sua polissemia é contextualizada "desde onde", verificando-se "para quem" e "para que" vema ser significante, observado que tal expressão se presta a

múltiplos significados e essa multiplicidade de significados deber ser objeto de precisão.

Assim, o conceito de libertação é situado "desde" o interior da realidade latino-americana; sendo as maiorias populares marginalizadas e oprimidas "a quem" se dirige esta formulação, enquanto o âmbito "para que" deve ser compreendido de um ponto de vista estritamente ético e político; e, essa relação, no campo ético, manifesta-se no âmbito jurídico através da formulação de direitos humanos alcançados a partir da noção de libertação. A compreensão do termo libertação, em seu sentido político, exige analisar o contexto histórico de dominação a que estiveram submetidos os países periféricos, em especial a América Latina, desde a época colonial, e os esforços de resistência engendrados a partir daí.

Dussel situa a América Latina como "local onde gesta-se um processo de libertação popular, de integração latino-americana, de autonomia política e cultural do continente situado ao sul do rio Colorado [...] Esta libertação da dependência, esta ruptura das estruturas da totalidade dominada pelo centro querem indicar" a necessidade, para um povo até agora oprimido, de chegar a ter a "possibilidade humana de cumprir um projeto digno desse nome. O projeto vigente no mundo de hoje atribui a nossos povos uma função bem pobre e sempre dependente na divisão internacional do trabalho, da cultura e da liberdade. E o que importa é chegar a participar livre, independente e justamente da civilização mundial que progride, de cultura humana que analógicamente se unifica em plano mundial. A metafísica da libertação latino-americana pretende, pois, situar-se no continente sócio-cultural latino-americano, considerando que tem sido alienado para fazer parte da totalidade mundial dominada pelo centro¹. " Neste sentido, no que se refere à relação centro/periferia, Dussel enfatiza que a filosofia que souber pensar esta realidade, a realidade mundial atual, não a partir da perspectiva do centro, do poder político, econômico ou militar, mas desde além da fronteira do mundo atual central, da periferia, esta filosofia não será ideológica (ou ao menos o será em menor medida). Sua realidade é a terra e para ela são (não são o não-ser) realidade também os "condenados da terra". Desta forma, no entendimento de Dussel, contra a ontologia clássica do centro, desde Hegel a Marcuse, para mencionar o mais lúcido da Europa, levanta-se uma filosofia da libertação da periferia, dos oprimidos, a sombra que a luz do ser não pode iluminar.

Tratando da libertação, para iniciar a compreensão acerca do que é a Filosofia da Libertação, Dussel faz interessante consideração ao dizer que chamamos consciência ética a capacidade que se tem de escutar a voz do outro, palavra transontológica que irrompe de além do sistema vigente. Assim, aquele que ouve o lamento e o protesto do outro é comovido na própria centralidade do mundo: é descentrado; o grito de dor daquele que não podemos ver significa para alguém mais do que algo.

A importância do estudo dessa relação entre o "centro" e a "periferia", no que tange à Filosofia da Libertação, se dá pelo fato de que não se trata apenas de ouvir a voz do outro, do fraco e do oprimido, mas também de firmar uma filosofia latino-americana, afastando seu caráter regionalista -região a qual se trata de uma periferia dominada -contrapondo à filosofia-centro a filosofia-periferia, essa por sua vez oprimida no sistema-mundo ou simplesmente excluída, se tratando,

portanto, de resgatar um contra discurso não hegemônico, dominado, silenciado, esquecido e excluído.

A proposta de Dussel, ao propor a Filosofia da Libertação, em verdade, é tentar lutar pela libertação em tempos de triunfo do dogmatismo neoliberal, do capitalismo transnacional em processo de globalização¹¹, a partir das vítimas, o que é bem plausível, porquanto, o processo de exclusão se acentuou sobremaneira, sublinhando ainda mais o problema vivido pela periferia oprimida.

(Rogério Sikora é advogado e membro da Academia Passo- Fundense de Letras.)

Da Revista

Água da Fonte

31/05/2011